

Miguel Montenegro
Agência de
de J. J. Costa
Antônio Capacini
por favor a Manoel Soares
Henrique Aristides Guilhem

Segunda Sessão do Conselho Superior de Segurança Nacional.

Nos nove dias do mês de Outubro do ano de mil novecentos e trinta e cinco reuniu-se no Salão de Despachos do Palácio do Catete, sob a presidência do Senhor Doutor Getúlio Dornelles Vargas, Presidente da República, pela segunda vez o Conselho Superior de Segurança Nacional. Compareceram a esta sessão o Doutor José Carlos de Menezes Soares, Ministro dos Negócios Exteriores; Doutor Vicente Rago, Ministro da Justiça; General de Divisão João Figueiredo Ribeiro Filho, Ministro da Guerra; Vice-Almirante Protógenes Pereira Figueiredo, Ministro da Marinha; Doutor de Souza Costa, Ministro da Fazenda; Doutor João Marques dos Reis, Ministro da Viação e Obras Públicas; Doutor Agamenon Magalhães, Ministro do Trabalho; Doutor Odilon Braga, Ministro da Agricultura; Doutor Gustavo Capacini, Ministro da Educação e Saúde Pública; Vice-Almirante Henrique Aristides Guilhem, Chefe do Estado-Maior da Armada e General de Divisão Antônia de Silva Pessoa, Chefe do Estado-Maior do Exército. Acompanharam os trabalhos o General de Brigada Oliveira José Pinto, Secretário geral do Conselho, o Capitão de Fragata Adalberto Landim, chefe interno do gabinete do Secretário geral de Segurança Nacional, e Capitão Alexandrino Pereira da Motta, adjunto do mesmo gabinete. Às vinte e uma horas e vinte minutos declarou o Senhor Presidente da República aberta a sessão e mandou o Secretário geral proceder à leitura da ata da sessão anterior, a qual, posta em discussão, foi pelo Senhor Presidente declarada aprovada. Disse, então, o Senhor Presidente que fez convocar esta sessão a pedido do Senhor Ministro da Guerra, a quem concedeu a palavra. Tomando a palavra, falou o Senhor Ministro da Guerra o seguinte discurso: "Meus Senhores. A presente reunião foi muito solicitada ao Senhor Presidente e, de lhes estou tomando o tempo, é porque o assunto tem a maior atualidade e relevância. Ninguém ignora o momento que o mundo atravessa, ninguém hoje, por mais pacifista que seja, pôde de boa fé acalentar a fútil utopia da paz universal. Estamos vendo com os fatos que se desenvolvem no oriente africano, apesar de todos os esforços da Liga das Nações, que os horrores são sempre os mesmos, e gritos impiedosos que acima de tudo colocam os seus interesses... O que Lafontaine estereotipou na fábula "O Lobo e o Cordeiro" tem até o consumar dos séculos uma verdade: "o direito do mais forte é sempre o melhor!" Nessas condições, atento o estado de fraqueza do nosso exército para a guerra, não a guerra de agressão, de conquista, mas, como é de hora indelével, para uma guerra de defesa de nossa honra, do território de nossa Pátria, entendi ser dever meu, atual detentor da pasta da guerra, vir dizer-vos, para que o saibades e para não mentir à Nação, qual o nosso estado de precariedade para o cumprimento da nossa finalidade. Sem entrar em detalhes que deixo ao encargo do General Chefe do Estado-Maior do Exército, farei aqui ligeiro esboço do nosso quadro. Vejamos o que temos: Aviação - Aviação escola (aviões de grandizopem) em tão pequeno número de que tivemos, há pouco e as passadas, para não passar a instrução, que comprar administrativamente vinte nos Estados Unidos; Artes de caça - uns Boyings que temos Seguros

e sessenta kilometros encontram já rivais poderosos em trezentos e sessenta kilometros, hora encomendados pela Argentina nos Estados Unidos, tipo Hawke; Aviação de Bombardeiros, nenhum que mereça essa designação. Alguns Corsários, tipo mediterrâneo podem transportar sob os azas quatro a oito bombas de dez ou vinte kilos de peso, o que é ridículo, porque a velocidade avião de bombardeiros Carrega duas bombas de mil kilos ou quatro de quinhentos kilos. Toda bomba menor de cinquenta kilos é considerada ineficiente. Artilharia - É que prometemos e está em serviço e toda uma ferro velho; o nome material tem vinte e seis anos de uso (!). Já em mil novecentos e quatorze, ao iniciarmos a grande guerra, era necessária a substituição e complementação de nossa artilharia e a primeira remessa que Krupp nos enviava e no porto de Hamburgo aguardava um navio, foi sequestrada pela Alemanha para seu uso. Canhões destes aprisionados pelos franceses, com as armas da República Brasileira, existem nos depósitos e museus da França. Hora que melhor fale, junto um gráfico a respeito do que temos e do que possui a Argentina. Basta dizer que desses Velhos Canhões de Campanha ainda por nós não substituídos temos cento e quarenta e três (143) e a Argentina quinhentos e dez (510); de cento e cinquenta e cinco prometemos quatro (!) e a nossa vizinha oitenta (80) e por mil novecentos e trinta; Schmeisser de Campanha temos doze contos e a Argentina, tipo mil novecentos e vinte e oito, Cem (100)!! Artilharia anti-aérea não temos nem um exemplar para amostrar enquanto eles, os Argentinos, têm quatro batarias!! O desequilíbrio que constatamos é tão grande que causa pasmos como os poderes públicos não tenham tomado em consideração fato de tamanha gravidade! Municípios - Em relação ao país citado, como era natural, a desproporção nos estoques é a mesma que a da artilharia. Conforme também se verifica em outro gráfico. Fabricas - Há muitos anos já temos instalada uma fabrica de pólvora em Bommea, mas até hoje, pelos apuros financeiros e pela corte constante em orçamento, não pôde ela atingir a sua completa finalidade. Não conseguimos até agora, por falta de pequeno aparelhamento que ainda não podemos instalar e de técnicos experientes de fabricação (químicos), fazer a pólvora de base dupla. Assim, que as nossas fortalezas quer os navios da nossa esquadra não têm com que atirar. Os estoques que temos dessas pólvoras em nossos portos têm mais de vinte anos, o que constitui gravíssimo perigo!! Temos ainda a mencionar as nossas fabricas de canos e sabres, de mactanos e gazes, de espartas, de projétils e cartuchos de infantaria. Excetada da ultima, são elas incipientes e todas incapazes de produzir um decimo das nossas necessidades de tempo de paz. A fabrica de projétils pode produzir uma media de seiscentos (600) mas como a de espartas, necessarias aqúelles projétils, só fabrica trezentas (300) por dia, só serão trezentos os projétils de seis mil antilgocia!! Pergunto teros se pouco mais que o necessario para o dia de fogo de um Canhão!! A Fabrica de cartuchos de infantaria produz por ano pouco mais de cinco milhões de cartuchos e nós despendemos, em exercicios e fornecimentos ás policcias, teros de guerra e a Marinha, dez milhões!! Val em linhas gerais, meus Senhores, é a nossa situação quando o mundo está em vórtices de conflagração geral, quando jornais francezes, L'Ouvre e Petit Journal, aconselham que a França, a Alemanha e os Estados Unidos se apressem da nossa Anagnonia desprovida, que não nos faz falta e de que aquelles países precisam para a sua expansão e exploração de suas riquezas, é criminoso esse descaas pela defesa nacional. Caracat Canhões! diziam os Romanos e daqui em diante a frase aos Senhores, responsavies immediatos pela nossa segurança, pela nossa soberania. Eu e os meus colegas juvenes não podemos assumir as responsabilidades que decorrem do atual estado de causas referente ao equipamento e armamento do Exercito e, seja qual for a resolução que a respeito tomardes, faço questao que esta minha declaração fique em

"ata Consignada." Ainda a expensas do Senhor Ministro da Guerra, pede o Senhor
Chefe do Estado-Maior do Exército permissão para falar em seguida, pois seriam as
suas palavras complemento as que acabava de dizer o Senhor Ministro sobre os ne-
cessidades do Exército. Acheando justo o pedido, o Senhor Presidente concede a pala-
vra ao Senhor General Pantaleão da Silva Lessa, Chefe do Estado-Maior do Exército,
que começa declarando-se mais otimista que o Senhor Ministro da Guerra. Dê em segui-
da as seguintes informações: "As previsões mais modestas em relação à Segurança
Nacional, aconselham a mobilização de 1% (um por cento) da população brasileira. O Pa-
raquai acaba de dar o exemplo de uma mobilização de dez por cento. Na Europa a expe-
riência chega a quatorze por cento. Assim justicemos da consideração de um efetivo de qua-
trecentos mil homens, realmente o mínimo que devemos armar para: a) Fazer frente a
uma invasão na fronteira de três estados do Sul. b) Suavemente a defender as fronteiras do
Mato Grosso. c) Observar as fronteiras na bacia Amazônica

Esses quatro-
centos e cinquenta mil homens se apresentaram constituidos em dezessete divisões de
infantaria (I.R.I.) e dez divisões de cavalaria (C.A.C.) das quais dois terços es-
tão providos com todo material moderno e bem municiadas. Tem incidente po-
lítico recente em Corrientes, fez ir para a rua os tanks do onze Regimento de
Infantaria (I.R.I.). Para a Cavalaria argentina está provida de carros blindados.
Diversos oficiais argentinos frequentam os cursos de química de guerra no Esta-
do Unidos e nos mais adiantados centros industriais europeus. A aviação, ain-
da em sua fábrica de Córdoba que, pelo menos, dará aparelhos escola e de transformação,
acaba de obter um crédito de quarenta e dois milhões (42.000.000) de pesos ouro,
ou ao Cambio de hoje - isso a quatro mil quinhentos e oitenta reis (4.580.000) - cento
e noventa e dois mil, trezentos e sessenta contos de reis (492.360.000 x 1000 reis). Este
crédito foi votado em poucos dias com aplauso da política e da opinião pública
sem discrepancias - depois de interrogado asperamente o Ministro da Guerra acu-
sado de improvidência e incapacidade para apertar da pasta a seu cargo

ARQUIVO NACIONAL
No momento podemos
admitir sem pessimismos - a relação de um terço, isto é, levaremos uma
divisão de infantaria enquanto os outros poderão levar três! Do lado na-
val não parecem mais animadores os números. Evidenciada a neces-
sidade de mobilizar - para as fronteiras - quatrocentos mil (400.000) homens, tem
a propósito esclarecer que a nossa inferioridade não vem da incapaci-
dade, do atraso do Exército em relação ao passado. Não. Ele tem progressos.
Mas a velocidade dos seus aperfeiçoamentos em completa desarmonia com
os meios materiais, chega a proporções ridículas diante dos progressos
vertiginosos da moderna aparelhagem bélica e diante da providência, do
zelo com que "os outros" encaram tal assunto. Em todos os países adan-
çados do mundo, a preparação da guerra ou degraus da Segurança Nacional,
não fica entregue exclusivamente às chamadas Classes militares. E isso
se justifica porque "as desgraças da guerra e as humilhações da derrota"
tocam a todos. Durante a última guerra - relativamente atrasada porque
não contava com a aviação de hoje, com a motorização de hoje e com o pro-
gresso da química moderna - a indústria civil - apenas dirigida por
técnicos militares - chegou só na França a concorrer com seis milhões oit-
ocentos mil (6.800.000) projetos de setenta e cinco por dia, oitenta e cinco
(85.000) projetos de calibros maiores que cento e cinquenta e cinco, mil

setenta e cinco (75) toneladas de explosivos por dia, dezoito toneladas de "gervite" que em mil novecentos e dezanove deviam ser trezentas por dia, setenta e cinco mil chacos (75.000.000) de cartuchos de infantaria por dia, tres mil toneladas de fonte acerada para projctis. Durante a fabricaçaõ de fuzis, metralhadoras e canhões, a produçaõ alcançou a numero diario que só estavam previstos para trimestres. Entretanto, a Banca precisa recorrer aos Estados Unidos para lhe fornecer pólvoras, munições prontas, metralhadoras, etc. Enfin, para o abastecimento de Verdum, só na noite passaram em certo trecho de estrada - cinco mil caminhões. É que a guerra actual exige verdadeiros sacrificios, só comparaveis aos seus proprios soffrimentos e somente ultrapassados pelas consequencias da derrota. Não pretendo pedir ao Conselho superior para um decimo do que recebem a Banca, apesar de já andarmos por quarenta e sete milhões (47.000.000) de habitantes. Pêso o dever de lembrar que é indispensavel pensar no auxilio á industria civil brasileira para que tenha ella a sua atençãõ voltada para esses assuntos, pois as industrias do Estado, unica que tem alguns tecnicos e operarios capazes na especialidade, não está em condições de prestar-se "quando mobilizada" - é produzida de um novo do que precisamos, segundo a autorizada opiniaõ do Director do Material Belico. Para se produzir facilmente em fabricaçaõ de material de guerra, mas são poucos os paizes que fabricam bem e para certos materiais chegaram no mundo a distinguir duas fabricas - uma franceza, outra alemã. Mas, Srs. Membros do Conselho, as observações que estamos fazendo, o alarme que manifestamos é um bom sintoma a aproveitar. De mil novecentos e trinta e dois para cá, estamos caminhando, ao menos em conhecimentos tecnicos e, o que é melhor, no exame das nossas materias primas e seu aproveitamento. O pouco material de guerra comprado para o Exército, salvo o que foi entregue aos Estados ou perdido nas revoluções - está bem conservado e, em duvida, ultrapassando as melhores provisões. Ainda hontem tive noticia de um exercicio em que o Comandante, antes de inicia-lo, quiz livrar sua responsabilidade porque ia usar pólvoras quimicas com vinte e dois annos de fabricaçaõ. Este anno e o de mil novecentos e trinta e dois serão assinalados na industria militar brasileira com acontecimentos animadores: a) Começamos a fabricaçaõ do trótil; é possível que tambem iniciemos o da nitro-glicerina; b) Experimentamos com sucesso algumas materias primas nacionais; c) Realizemos o aproveitamento de alguns milhares de projctis comprados para a Campanha de mil oitocentos e noventa e tres, economizando milhares de contos; d) Também a decomposiçaõ das cargas usadas no material Schmeisser, aumentando-lhe a duracãõ que para os nossos habits - apesar de já estar em uso ha doze annos - foi considerada muito pequena; e) Adaptamos dezessis (16) canhões de tiro lento aos estojs metallicos e montamos em reparos de tiro rapido, aumentando assim quatro batentes utilitarios; f) Acabamos de ter plena e completa confirmaçaõ da victoria alcançada pelo Major Franklin Emilio Rodrigues com a sua bala bi-ogival - patente brasileira - que a fabrica Madsen pediu licença para usar. Essa bala aumentou o poder do nosso ornamento de infantaria e o alcance em mais de mil metros; g) Fabricamos um dos melhores tipos de maseiros. Mas, a quantidade de material necessario depois de mil novecentos e dezanove e os modernos engins exigem tremamento na produçaõ da qualidade e da potencia dessas maquinas. Como pensamos as aquisições, nos atropelamos até a situaçaõ impressionante actual que não é sustentavel, porque não pode ser boa a força moral dos Comandos, os mais abnegados. Os males sãõ, entãõ: a) Os progressos do material; b) a falta de aquisições, sendo a ultima de mil novecentos e vinte e dois; c) Os Commens extraordinarios do que existia, nas revoluções; d) do aumento desproporcionado dos robes de pessoal em relacãõ as de material; e) a falta de liberdade para administrar deante de um aparelho que se detem no formalismo e não quer saber o muito que realmente não sabe. Nesse estado, o progresso desproporcionado dos quadros, o aperfeiçoamento pratico dos officiaes, a consciencia das dificuldades e da falta de meios é causa de indignação, de descontentamento desante, de desanimos para os que lutam pela defesa nacional no sector militar, além dos males maiores entre os quaes a cobiça e audacia despertadas pelo abandono

e abdicar da defesa. Digo assim, porque o Conselho precisa saber que só temos amostras de um variado e velho material de guerra utilizável, mas incapaz para a defesa de um país como o Brasil. Incapaz também para permitir a espera de aquisições que a nossa boa fortuna nunca a permitir no momento da luta. Quero acentuar que teremos de sacrificar grandes massas humanas enquanto estivermos decidindo a compra de que a Comprovação estrangeira nos quizes vender em pequena quantidade e grande preço. Precisamos portanto, com a maior urgência, traçar um programa de aquisições e outro de desenvolvimento das indústrias militares para tornar as mobilizações em condições satisfatórias. O material necessário terá ocupação e aperfeiçoamento profissional, dará flagrantes de incompetência, será um estímulo, será um conforto para o que são capazes de sacrifícios, será a justificação do nosso "Caro" Exército, porque então, será ele capaz de cumprir sua missão. A nobreza da profissão militar só reside no bem que ela pode construir e no sacrifício característico do seu processo de construção - obstinado, perseverante até a vitória. Como defender hoje as populações, os parques industriais, os nós de comunicação, sem canhões e metralhadoras anti-aéreas? É conveniente instruir o povo sobre os perigos a que está exposto, mas não será também perigoso chamar a atenção do povo para a falta de meios que deveriam existir? Não importará também em alertar o inimigo? Como fazer a guerra defensiva, tentar a paralisar o inimigo nas fronteiras sem armamento moderno, sem canhões, sem aviação de bombardeio, sem carros de combate? Oferecendo o sacrifício de milhares humanas armadas de fuzis? Se o oficial ou o cidadão de prestígio puder conter essas massas depois que elas se aperceberem da extensão do seu desastre e sofrimento, pergunto - o novo Exército organizado no interior com as compras felizes chegadas depois de noventa dias, poderá chegar à frente com força moral, com o amparo da opinião pública, com estímulo e confiança nos Comandos? Ainda há tempo de conter a marcha de um inimigo vencedor e arrogante, amparado pelo espírito conciliador dos negociantes, pacifistas e poderosos, que já tiveram alcançado seus objetivos? Diante destas dúvidas e depois da palavra autorizada do Senhor Ministro da Guerra, em estorço de poder falar em nome dos próprios conscriptos brasileiros para pedir algumas aquisições que nos permitam continuar trabalhando sem embaraço da falta formação dos nossos estoques de guerra, com a esperança de estar trabalhando pela vitória e felicidade do Brasil." Apresentou, então, o Senhor Chefe do Estado-Maior do Exército a seguinte nota do material necessário à mobilização do Exército: Artilharia. (162) cento e noventa e duas baterias de canhões de setenta e cinco montado, cinquenta e quatro (54) baterias de canhões de cento e cinco curto, dezesseis baterias de canhões de cento e cinco longo, nove baterias de canhões de cento e cinquenta e cinco curto, vinte e sete baterias de canhões de setenta e cinco de dorso, vinte e duas baterias de canhões de setenta e cinco anti-aéreas. No todo, mil cento e sessenta e oito (1.168) canhões de campanha. Metralhadoras: anti-aéreas, duzentas e cinquenta em reboque e oito em autos. Carros blindados: para a Cavalaria cento e quarenta e quatro, para a infantaria sessenta. Auto-metralhadoras: para batalhas quarenta e oito. Morteiros: Stocks, trezentos para a infantaria e Cavalaria. Revolver ou pistola: para as divisões de infantaria e de Cavalaria duzentos e cinquenta mil. São calculadas estas necessidades, levando em conta o que já existe em condições de servir. Armas entre as armas do Senhor Chefe do Estado-Maior do Exército, deu o Senhor Presidente a palavra para dizer das necessidades da Marinha, ao Senhor Ministro da Marinha, o qual declarou que seriam essas necessidades expostas pelo Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada. Usando, então, da palavra o Senhor Vice-Ministro Henrique Aristides Guilhem, Chefe do Estado-Maior da Armada, depois de acentuar que as informações ora prestadas não representavam somente a sua opinião pessoal mas também e principalmente a doutrina do órgão sob a sua chefia, passou a expor a

situação atual da Marinha de guerra. Disse Sua Excelência que o estado do material naval é presentemente o mais precário possível. Os navios já têm vinte e cinco anos de idade e não possuem valor militar. A falta da esquadra para exercícios, indispensáveis ao treinamento e à instrução do pessoal, causa sempre serias apreensões às autoridades navais. A composição da nossa esquadra é no momento de: dois encouraçados (um dos quais em grandes reparos), dois pequenos cruzadores, oito pequenos Contra-torpedeiros, um submarino e alguns navios auxiliares. Os dois encouraçados e os dois cruzadores, pela deficiência de suas defesas anti-aérea e anti-torpedeira, pela idade e pelas características, são de inferioridade absoluta relativamente aos navios de mesmo tipo de qualquer outra marinha. Os nossos oito Contra-torpedeiros estão em péssimas condições e se mesmo a abnegação do pessoal naval consegue realizar o milagre de prolongar por mais quinze anos a sua vida normal de dez anos. O submarino quasi nada representa como poder ofensivo e os demais navios nem merecem a honra de um comentário. Conven, outrossim, meditar sobre a penúria da nossa estocagem de armamento e de munições. Temos em depósito vários canhões e metralhadoras, armas antiquíssimas, porém. Quanto a torpedos, a nossa penúria é completa, pois os poucos que possuímos, nada representam. O aparelhamento da defesa mineira é igualmente impressionante pela sua miséria. Existem novecentos e vinte e oito (228) minas de tipo ha muito abandonado, quando se para a defesa da barra do Rio de Janeiro precisamos de três mil (3.000) minas e para os pontos essenciais da Costa Sul precisamos de cerca de dez mil (10.000)! Não temos aparelhagem de lançamento nem de varredura de minas! Quanto ao estoque de munições, dispomos atualmente de apenas trinta e duas cargas de projétil por canhão de trinta e cinco milímetros e de cem por canhão de cento e vinte milímetros. Quanto a projéteis, temos apenas os correspondentes ao número de cargas, antiquados, adquiridos em mil novecentos e oito e não possuímos os do tipo para o qual foram tomados os respectivos instalações de tiro. Não há pois meios de abastecimento, não será possível a manutenção, em caso de guerra externa, desse reduzidíssimo estoque, o qual vai, aliás, diminuindo anualmente, pois impossível é deixar de realizar exercícios de tiro para a instrução e treinamento do pessoal. Toda o material bélico de que necessitamos terá que ser importado de estrangeiros. Resumindo, a situação é esta: não dispomos de material flutuante adequado à nossa defesa; não dispomos de armamento e de munições em estoque nem de meios de fabricação; não dispomos de material para a defesa mineira e varredura; não dispomos de Arsenal aparelhado para conservação e construção de material; não dispomos de nenhuma base naval; nossas frotillas de Invasões e de Matageme praticamente estão extintas. Após essa exposição, declarou o Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada que as informações prestadas lhe poderiam bem exprimir a realidade dos fatos se fosse estabelecida uma comparação com o poder naval de outra nação sul-americana.

ficando, em consequência, bem esclarecido a profundidade das deficiências da nossa Marinha e as consequências decorrentes desta circunstância. Terminou o Senhor Chefe do Estado-Maior da Armada, encarecendo

O Senhor Presidente de
clara, então, que ouvidas as opiniões dos Ministros militares, vai dar a palavra ao Senhor Ministro do Exterior que dirá sobre a nossa proibição internacional. O Senhor Ministro das Relações Exteriores, tomando a palavra, declarou que não eram de bom alvitre as informações prestadas aqui sobre a situação da nossa defesa, pois como Chefe da Delegação Brasileira na Conferência do Desarmamento reunida em mil novecentos e trinta e dois, em Genebra, teve oportunidade de manter contato durante algumas semanas com o Estado-Maior do Exército e o Estado